RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.
Ano IV, v.1, n.2, ago./ dez 2024. | submissão: 22/12/2024 | aceito: 24/12/2024 | publicação:26/12/2024

Empatia: A Chave para Combater o Bullying entre Crianças e Adolescentes

Maria Nascimento CUNHA
ISMT- Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal
CIAC - Center for Research in Arts and Communication, University of Algarve, Faro, Portugal
e-mail: maria14276@gmail.com

Resumo
O aumento da ocorrência de situações de bullying nas escolas tem sido motivo de preocupação para a sociedade em geral. O bullying é definido como sendo um comportamento agressivo, sistemático, e prolongado no tempo e num desequilíbrio de poder, que afeta com grande intensidade sobretudo crianças e jovens, prejudicando o seu desenvolvimento saudável, repercutindo efeitos a curto e a longo prazo. A promoção da empatia tem sido apontada na literatura como elemento de inibição ou redução deste tipo de comportamentos violentos, uma vez que quanto mais a capacidade empática for desenvolvida, mais chances há de reconhecer atitudes inadequadas que provocam o sofrimento e mudanças de comportamento. O presente estudo buscou através de uma revisão sistemática da literatura, baseando-se na pesquisa de estudos empíricos na base de dados B-On, entre o ano de 2006 e 2021, compreender se de facto existe uma relação entre as variáveis e de que forma promover a empatia ajuda a combater o bullying. Conclui-se que a empatia possui um papel fundamental para a prevenção do bullying em crianças e adolescentes devido à mesma contribuir para a inibição de comportamentos agressivos e para o aumento de comportamentos morais.
Palavras-Chave: *Empatia; Bullying; Relações de Pares; Revisão Sistem*ática;

Abstract
The increase in the occurrence of bullying situations in schools has been a matter of concern for society in general. Bullying is defined as an aggressive, systematic behavior, prolonged over time and in an imbalance of power, which affects children and young people with great intensity, harming their healthy development, with effects in the short and long term. The promotion of empathy has been pointed out in the literature as an element of inhibition or reduction of this type of violent behavior, since the more empathic capacity is developed, the more chances there are to recognize inadequate attitudes that cause suffering and changes in behavior. The present study sought, through a systematic literature review, based on the research of empirical studies in the B-On database, between the year 2006 and 2021, to understand if in fact there is a relationship between the variables and how promoting empathy helps fight bullying. It is concluded that empathy has a fundamental role in the prevention of bullying in children and adolescents because it contributes to the inhibition of aggressive behavior and to the increase of moral behavior.

Keywords: *Empathy; Bullying; Peer relationship; Systematic review;*

INTRODUÇÃO

A empatia é um construto psicológico importante para a vida das pessoas, e a sua influência social tem vindo a ser estudada ao longo dos anos, por diversos autores e pesquisadores do ramo da psicologia. O conceito de empatia está presente na literatura há cerca de 300 anos (Kokkinos & Kipritsi, 2017).

Diversos autores desenvolveram estudos sobre este tema, procurando definir a empatia e compreendê-la quanto à sua importância. A empatia é definida como sendo a capacidade de compreender o estado emocional dos outros e consequentemente internalizar esse estado emocional (Stavrinides, Georgiou & Theofanous, 2010). De acordo com Collins, Gratton, Heneage e Dagnan (2017), a empatia consiste numa resposta emocional instintiva às experiências dos outros e ao reconhecimento intelectual dos estados dos outros sem experimentar a emoção por si mesmo (Collins, Gratton, Heneage & Dagnan, 2017). Do ponto de vista de Sahin (2012), esta consiste numa função cognitiva básica ou na capacidade de estar ciente dos pensamentos e sentimentos do outro (Sahin, 2012). De acordo com alguns pesquisadores, os altos níveis de empatia estão consistentemente associados a atitudes e comportamentos pró-sociais e altruístas (Williford, et al., 2016). Na perspectiva de Lee, Lee e Kim (2018), a empatia pode também ser

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

definida como o ato de compreender o estado emocional do outro, respondendo-lhe de uma forma socialmente benéfica. De acordo com os mesmos pesquisadores (2018), a empatia pode promover a cooperação e a cidadania, fortalecer o comportamento pró-social e reduzir a agressão e o preconceito social (Lee, Lee & Kim, 2018).

Posteriormente, um estudo realizado por You, Lee, Lee e Kim (2020), apresenta a empatia em três aspetos: um aspecto cognitivo de reconhecimento dos sentimentos dos outros ou de aceitação do seu ponto de vista, um aspecto emocional de sentir os sentimentos dos outros, e um aspecto comunicativo que permite ao indivíduo comunicar com precisão e sensibilidade o que foi compreendido. Os mesmos pesquisadores descrevem que, para que um indivíduo tenha empatia plena para com os outros, este precisa de adquirir a capacidade de identificar cognitivamente o que os outros estão a sentir, para compreender emocionalmente os sentimentos dos outros e para com sensibilidade compartilhar a sua compreensão dos sentimentos dos outros (You, Lee, Lee & Kim, 2020).

A empatia é descrita por Pfetsch (2017), como um construto multidimensional que inclui pelo menos duas dimensões: a empatia cognitiva e a empatia afetiva (Pfetsch, 2017). Outros pesquisadores, complementam a empatia cognitiva como sendo, a tomada de perspectiva ou compreensão das emoções do outro, enquanto que a empatia afetiva caracteriza-se pela preocupação empática e vivência das emoções do outro (Ryzin e Roseth, 2019). Com base em Kokkinos e Kipritsi (2017), a empatia oferece também um forte contributo na prevenção e redução da agressividade, ajudando dessa forma a resolução de problemáticas como o caso do bullying (Kokkinos & Kipritsi, 2017).

Segundo Sahin (2012), o bullying entre pares, consiste numa subclasse do comportamento agressivo, aceito como um conceito universal, embora a sua definição possa variar de uma cultura para outra (Sahin, 2012).

O bullying é definido por Stavrinides, Georgiou e Theofanous (2010), como sendo um ataque físico, verbal, psicológico ou de intimidação, que tem como objetivo causar o medo, a angústia ou o dano à vítima. Segundo os mesmos pesquisadores, para ser considerado bullying, o ato agressivo deve ser intencional e sistemático. Os pesquisadores acrescentam ainda que, o bullying é um subconjunto da agressão proactiva porque os agressores usam a agressão para atingir um objetivo desejado ou para dominar e intimidar os outros (Stavrinides, Georgiou & Theofanous, 2010).

O bullying é caracterizado por Kokkinos e Kipritsi (2017), assumindo quatro formas agressivas: verbais (por exemplo, ameaças e insultos), físicas (por exemplo, socos e pontapés), relacionais (por exemplo, disseminação de rumores e exclusão social) e cibernética, ou seja, por meio da internet, o denominado cyberbullying (Kokkinos & Kipritsi, 2017).

De acordo com Williford, Boulton, Forrest-Bank, Bender, Dieterich e Jenson (2016), o bullying pode ainda ser definido como um comportamento crónico e repetitivo, e apresenta-se como sendo um desequilíbrio de poder, seja físico ou psicológico, com indivíduos mais poderosos afirmando o seu domínio sobre pares menos poderosos. Com base na interpretação dos mesmos pesquisadores, o bullying pode ser aberto ou diretivo, por exemplo, através de atos de agressão, empurrões, ameaças e provocações maliciosas, enquanto que em outras situações o bullying pode ser de natureza relacional ou indireta, através da exclusão social, difamação e pela exigência de conformidade conforme uma condição de amizade (Williford, et al., 2016). É ainda importante referir que, de acordo com Pfetsch (2017), o desequilíbrio de poder no bullying pode não residir exclusivamente na forma de força física, mas também pode refletir em características da personalidade do sujeito (Pfetsch, 2017).

Tendo em consideração a problemática do bullying, de acordo com Machackova e Pfetsch (2016) e restantes pesquisadores outrora mencionados, a empatia parece ser um possível fator de proteção contra o bullying (Machackova & Pfetsch, 2016).

Estratégia de Investigação

MÉTODO

A presente revisão de literatura tem como principal objetivo compreender a relação existente entre as variáveis da empatia e do bullying, e de que forma é possível prevenir o bullying através da promoção da empatia em crianças e adolescentes, com base na análise de fontes, no espaço cronológico de 2006 a 2021. Diante disso, a questão a que se pretender responder, no contexto deste estudo, é: "Existirá uma relação entre o bullying e a empatia? Se sim, de forma podemos prevenir o bullying através da promoção da empatia?".

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Primeiramente, de modo a delimitar a temática, efetuou-se numa primeira fase uma pesquisa de estudos que tivessem em consideração as seguintes combinações de descritores também designadas de palavras-chaves: *empathy, bullying* e *experimental design.* A base de dados pesquisada foi a B-On.

A estratégia de pesquisa utilizada para a identificação e seleção de artigos foi a PICO, que considera que para se realizar uma Prática Baseada em Evidências, os 4 elementos essenciais para a questão de investigação são: o Paciente, a Intervenção, a Comparação e os Outcomes/Resultados (Santos, Pimenta e Nobre, 2007).

Os critérios de inclusão definidos foram: apresentar as palavras empatia e bullying no título; artigos revistos por pares; apresentação de um texto integral; o idioma dos artigos ser ou/em português, inglês e/ou espanhol, de modo a facilitar a interpretação e compreensão dos mesmos; referir-se a crianças e/ou adolescentes, uma vez que práticas de bullying acontecem maioritariamente em contexto educacional; apresentar informação ao nível dos parâmetros considerados imprescindíveis de analisar: Participantes (P), Intervenções (I), Resultados (O) e Tipo de Estudo (S) e ainda, ano e autor(es); ter sido publicado entre o ano de 2006 e o ano de 2021, e artigos de demonstrem a relação do papel da empatia na prevenção do bullying.

Os critérios de exclusão estabelecidos foram: artigos duplicados; ser uma dissertação ou tese; ser uma revisão da literatura; artigos onde a amostra não é a pretendida; artigos que apresentem idiomas de difícil compreensão e estudos que não façam a relação do tema que se pretende analisar.

No total foram identificados, por título, 18 artigos que se mostraram pertinentes para este estudo. Através da leitura integral dos artigos, por meio da leitura do abstract e aplicando os critérios de exclusão e inclusão, rejeitaram-se 9 artigos, uma vez que não se relacionavam com a temática que era pretendida. Assim sendo, foram aceites 9 artigos para a seguinte revisão da literatura, sendo o idioma dos mesmos em inglês. Após a sua seleção, com base na leitura exaustiva dos mesmos, foi identificado o ano, o país, o(s) autor(es), os participantes, as intervenções realizadas, os resultados obtidos e o desenho de estudo utilizado. Dessa forma, a síntese de cada um deles apresenta-se, mais adiante, na Tabela 1.

RESULTADOS

Nas revisões sistemáticas encontradas face à promoção da empatia como forma de prevenir o bullying, os principais objetivos de investigação dos artigos, segundo os seus autores, consiste em conhecer, examinar ou avaliar a influência mediadora da empatia na temática do bullying, fazendo regularmente a distinção entre a empatia afetiva e a empatia cognitiva. Em pelo menos 3 artigos, os autores procuraram verificar a existência de relação entre a empatia e outras variáveis, nomeadamente o desengajamento moral e as diferentes formas de bullying (Kokkinos & Kipritsi, 2017); a aprendizagem cooperativa no bullying e os seus efeitos mediados pela empatia (Ryzin & Roseth, 2019); e a diversidade cultural e perceção do apoio dos professores para a diversidade (TSD) como fatores de proteção contra o bullying e a vitimização, mediada pela empatia (Schultze-Krumbholz, Ittel & Scheithauer, 2020).

De acordo com os artigos analisados verifica-se que 2 artigos são estudos experimentais (Garaigordobil & Martínez-Valderrey, 2015; Sahin, 2012), 1 artigo quase experimental (Ryzin & Roseth, 2019), 4 artigos são de cariz exploratório transversal (Kokkinos & Kipritsi, 2017; Schultze-Krumbholz, Ittel & Scheithauer, 2020; Machackova & Pfetsch, 2016; Jolliffe & Farrington, 2006) e 2 artigos exploratórios longitudinais (Stavrinides, Georgiou & Theofanous, 2010; Williford, et al., 2016).

Relativamente aos anos de publicação dos estudos pode constatar-se que, entre os anos 2006 e 2021, o ano de 2016 foi o ano onde se verificou maior número de artigos publicados, nomeadamente, dois artigos. No que concerne ao país de publicação, constata-se que foram publicados em diversos países tais como, Chipre (1), Grécia (1), Estados Unidos da América (2), Alemanha (2), Espanha (1), Turquia (1) e Inglaterra (1), sendo que a Alemanha e os Estados Unidos, foram onde ocorreu o maior número de estudos empíricos. O número de participantes nos estudos variou entre os 38 e os 1890 participantes, não se verificando discrepâncias significativas no que toca aos resultados obtidos, contudo quanto maior a amostra mais consistentes se tornam os seus resultados.

Todos os estudos recolhidos na Tabela 1, apresentam informações relevantes para a resposta à questão de partida desta pesquisa, uma vez que os dados obtidos revelaram o papel da empatia na prevenção do bullying e a sua influência para com o outro.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Instrumentos

Através da análise dos distintos estudos, face à empatia, verificou-se a predominância do recurso à escala *Basic Empathy Scale (BES)* desenvolvida por Jolliffe e Farrington (2006) (Stavrinides, Georgiou & Theofanous, 2010; Kokkinos & Kipritsi, 2017; Ryzin & Roseth, 2019; Machackova & Pfetsch, 2016; Jolliffe & Farrington, 2010) que, segundo Stavrinides, Georgiou e Theofanous (2010), é um instrumento que permite examinar o grau em que cada pessoa compreende e sente as emoções dos outros. É constituída por 20 itens que avaliam o componente cognitivo e o componente afetivo da empatia (Stavrinides, Georgiou & Theofanous, 2010).

No artigo elaborado por Schultze-Krumbholz, Ittel e Scheithauer (2020), os autores avaliaram a empatia cognitiva através da *Subescala de Tomada de Perspetiva*, composta por 8 itens do Índice *de Reatividade Interpessoal* (1992), e a empatia afetiva foi operacionalizada por meio da apresentação de uma situação de estímulo do *Sympathy Reactivity Questionnaire* (2008) adaptadas pelos autores ao contexto escolar (Schultze-Krumbholz, Ittel & Scheithauer, 2020).

Com base nos estudos de Garaigordobil e Martínez-Valderrey (2015), e de Sahin (2012), foi ainda identificada a utilização da escala de Índice *de Empatia para Crianças e Adolescentes (IECA)*, desenvolvida por Bryant (1982), que permite avaliar a empatia por meio de 22 declarações, algumas das quais refletem situações em que há excitação empática para outra pessoa em determinada situação, enquanto que outras refletem falta de empatia (Garaigordobil & Martínez-Valderrey, 2015; Sahin, 2012).

No que toca à avaliação da variável bullying e a sua consequente predominância, todos os pesquisadores fizeram uso de diferentes escalas. Stavrinides, Georgiou e Theofanous (2010), utilizaram o *Questionário Revisto de Bullying e Vitimização (BVQ-R),* que constitui-se por 9 itens com base no questionário original inicialmente construído por Olweus (1996), que tem como objetivo refletir a dimensão do bullying (Stavrinides, Georgiou & Theofanous, 2010). Foram utilizadas escalas também como a subescala *de Comportamento de Bullying*, composta por 42 itens da *Escala de Bullying e Vitimização*, como forma de avaliar o bullying em geral (Kokkinos & Kipritsi, 2017); a subescala da *Escala de Bullying da Universidade de Illinois,* desenvolvida por Espelage e Holt (2010), com o objetivo de avaliar o bullying através de 5 itens que apresentam situações de comportamento inadequadas (Ryzin & Roseth, 2019); as *Escalas de Bullying e Vitimização* do *European Cyberbullying Intervention Project Questionaire* (2012), que tem como objetivo compreender e relacionar o bullying e o cyberbullying (Schultze-Krumbholz, Ittel & Scheithauer, 2020); o *Cyberbullying: Triagem de Assédio de Pares* (2013), que tem como principais objetivos avaliar o bullying e o comportamento de cyberbullying em 12 itens (Garaigordobil & Martínez-Valderrey, 2015); o *Questionário Olweus Bully/ Victim Revisto* (1996), utilizado para medir a frequência com que os alunos participaram em comportamentos de bullying específicos (Williford, et al., 2016); e por fim a *Escala de Identificação de Bullying/Formulário Infantil* desenvolvida por Piskin e Ayas (2007) constituída por 37 itens, a fim de identificar comportamentos de assédio moral (Sahin, 2012).

Intervenções

As intervenções utilizadas, de acordo com o estudo de Ryzin e Roseth (2019), procuraram perceber os efeitos da aprendizagem cooperativa nas relações entre os pares, empatia e o bullying no ensino secundário. A sua intervenção realizou-se através do treinamento de funcionários da escola de intervenção, entre outubro de 2016 e manteve-se ao longo do ano letivo de 2016-2017, elaborada em 3 sessões presenciais em períodos diferentes do dia, check- in periódicos via conferência e acesso a recursos, como por exemplo, boletins informativos e um exemplar do livro de *Cooperação na Sala de Aula*, 9ª Edição por Johnson et al., (2013). O treinamento destes profissionais focou-se no ensino recíproco, tutoria entre os pares, leitura colaborativa e outros métodos em que os pares ajudam-se uns aos outros a aprender em pequenos grupos sob condições de interdependência positiva, responsabilidade individual, coaching explícito em habilidades sociais colaborativas, um alto grau de interação face a face e um processamento orientado do desempenho do grupo. O treinamento teve em vista treinar os funcionários como observadores para promover uma maior confiabilidade adequada no estudo, atribuindo-lhes dados simulados antes que eles pudessem realizar observações em salas de aula reais. Durante o processo de observação, os observadores permaneceram em uma sala de aula por um período inteiro de aulas. Os alunos responderam aos itens da *Escala de Empatia* Básica e da Escala de *Bullying da Universidade de Illinois*, e através da observação e preenchimentos, os resultados obtidos permitiram concluir

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

que a aprendizagem cooperativa pode reduzir significativamente o bullying, fazendo com que ocorram melhorias na empatia afetiva (Ryzin & Roseth, 2019).

Com base no estudo de Garaigordobil e Martínez-Valderrey (2015), os pesquisadores procuraram avaliar os efeitos do Cyberprogram 2.0 no bullying, cyberbullying e na empatia. O programa de intervenção foi aplicado em 5 grupos experimentais (93 indivíduos dos 13 aos 15 anos) em 19 sessões com a duração de uma hora, enquanto que os 4 grupos de controlo (83 indivíduos dos 13 aos 15 anos), receberam o programa regular de tutoria do seu centro. A intervenção consistiu em 19 sessões de uma hora realizadas durante o período escolar, sendo que os principais objetivos do programa consistiam em identificar e conceituar o bullying e o cyberbullying, e as três funções envolvidas neste fenômeno; analisar as consequências do bullying e do cyberbullying para vítimas, agressores e observadores, promovendo a capacidade crítica e a capacidade de denunciar tais ações quando descobertas; desenvolver estratégias de enfrentamento para prevenir e reduzir o bullying e comportamentos de cyberbullying, assim como outros objetivos transversais, como desenvolver variáveis como a empatia, escuta ativa, entre outras. As sessões iniciavam-se com os membros do grupo sentados em círculo no chão, onde um adulto explicava a atividade, os seus objetivos e os participantes realizavam a ação. Posteriormente há uma fase de discussão e reflexão orientada pelo adulto, onde o mesmo promove a reflexão pelo meio de perguntas sem qualquer julgamento. Este programa utiliza diversas técnicas de dinâmica de grupo para estimular o desenvolvimento da atividade e o debate. Os instrumentos utilizados como forma de avaliar o bullying e o comportamento de cyberbullying foi a escala *Cyberbullying: Triagem de Assédio de Pares e o Índice de Empatia por Crianças e Adolescentes (IECA)* como forma de avaliar a empatia dos adolescentes. Os resultados obtidos confirmaram a eficácia e os efeitos positivos do programa, uma vez que o grupo experimental demonstrou uma diminuição da quantidade dos comportamentos agressivos, de bullying e de cyberbullying em relação ao grupo de controlo, confirmando que o Cyberprogram 2.0 aumentou significativamente a capacidade de empatia dos adolescentes que participaram na sua intervenção (Garaigordobil & Martínez-Valderrey, 2015).

A investigação realizada pelo pesquisador Sahin (2012), teve em vista determinar a eficiência do programa de treinamento de empatia na prevenção do bullying nas escolas primárias. A intervenção contou com a participação de 38 crianças, sendo que o pesquisador dividiu os alunos em quatro grupos, sendo dois de 9 alunos e os outros dois de 10 alunos. Os grupos de 9 alunos foram rotulados de grupo A e B, sendo o grupo B o experimental e o grupo A o de controlo. Usando o mesmo método, os outros dois grupos de 10 elementos foram rotulados como grupo experimental C e grupo de controlo D. Os grupos experimentais receberam o programa de treinamento de empatia, elaborado pelo próprio pesquisador em 11 sessões de 75 minutos. Sem serem informados do conceito de grupo de controlo e o do conteúdo do estudo, os grupos de controlo estavam envolvidos em sessões de discussão de 30 minutos no período de 11 semanas para trocar ideias sobre questões do quotidiano. Após o programa de treinamento, tanto o grupo experimental como o grupo de controlo receberam a escala de *Identificação de Bullying/Formulário Infantil* e o Índice de Empatia para Crianças. Os resultados apresentaram que o programa de treinamento da empatia, foi eficaz na redução dos comportamentos de bullying dos alunos do grupo experimental, enquanto que nenhuma mudança foi observada em alunos do grupo de controlo em que o programa não foi aplicado. Dessa forma, o programa de educação em empatia teve um impacto positivo no desenvolvimento das habilidades empáticas de alunos agressores, sendo que mais uma vez, não ocorreram mudanças significativas no grupo de controlo, demonstrando assim a eficácia da sua intervenção (Sahin, 2012).

Os restantes estudos selecionados para a revisão sistemática não aplicaram intervenções, tendo sido os seus dados retirados a partir do preenchimento de questionários e por meio da administração de medidas de autorrelato realizadas com crianças e adolescentes.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Avaliando o efeito na relação entre o bullying e a empatia, os autores Stavrinides, Georgiou e Theofanous (2010), chegaram ao consenso da existência de uma correlação negativa entre o bullying e a empatia. A empatia apresenta ser um fator protetor contra o bullying e a vitimização. Os mesmos pesquisadores relacionam que apenas a dimensão afetiva da empatia está envolvida nesta relação, ou seja, a compreensão dos sentimentos do outro não influencia a tendência da criança de se envolver em bullying. Os pesquisadores apontam que, embora a empatia cognitiva estivesse positivamente relacionada com a empatia afetiva, a primeira não tinha qualquer previsão significativa sobre o bullying. No entanto, a empatia cognitiva não deve ser

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

completamente excluída da equação do bullying, uma vez que a sua relação com a empatia afetiva parece ser poderosa. Os mesmos apontam para o facto de que, embora as crianças que entendam as emoções de outras crianças não reduzam necessariamente o seu comportamento de bullying, existe uma ligação indireta entre empatia cognitiva e bullying, que permite que crianças com alta empatia cognitiva aumentem a sua empatia afetiva, e por meio desse processo reduzam o seu envolvimento nesse tipo de situações. De acordo com os pesquisadores, os mesmos determinaram que a empatia está significativamente relacionada ao bullying, servindo como uma barreira para comportamentos futuros, enquanto que o envolvimento anterior no bullying opera contra o desenvolvimento da empatia (Stavrinides, Georgiou & Theofanous, 2010).

Através da análise dos pesquisadores Kokkinos e Kipritsi (2017), os mesmos sintetizam que em relação às correlações entre as variáveis, os resultados indicaram que a empatia, independentemente de afetiva ou cognitiva, apresenta-se negativamente associada ao bullying. Tal como os pesquisadores anteriores, estes observaram que a empatia afetiva demonstrou associações muito mais fortes. Alguns dos principais aspetos promotores de empatia cognitiva e afetiva foram o contato intergrupal e a educação multicultural, apresentando-se a concordância entre diversos autores selecionados para a revisão (Kokkinos & Kipritsi, 2017; Ryzin & Roseth, 2019; Schultze-Krumbholz, Ittel & Scheithauer, 2020). Tendo em consideração os artigos analisados, na sua generalidade os pesquisadores afirmam que indivíduos do sexo masculino são mais propensos a se envolver em atos de bullying em comparação com indivíduos do sexo feminino (Stavrinides, Georgiou & Theofanous, 2010; Kokkinos & Kipritsi, 2017; Machackova & Pfetsch, 2016; Williford, et al., 2016).

Tendo como base os seguintes autores, a empatia desempenha um papel importante no desenvolvimento do bullying durante a infância, sendo que, a baixa empatia e a desativação dos controlos morais constituem os principais fatores de risco para o surgimento de um comportamento agressivo entre crianças e adolescentes. A empatia inibe a agressão pois reforça as crianças a se comportarem de uma forma que não seja prejudicial para com os outros. Dessa forma, demonstraram que uma alta empatia serve como fator de proteção contra o bullying futuro, enquanto que o envolvimento no passado com o bullying é propício a níveis mais baixos de empatia (Kokkinos & Kipritsi, 2017).

Segundo Williford, Boulton, Forrest-Bank, Bender, Dieterich e Jenson (2016), ocorrem mudanças de desenvolvimento na empatia cognitiva dos sujeitos durante mudanças de uma escola primária, onde o ambiente é menor, para um ambiente maior como é o ensino secundário (Williford, et al., 2016).

Com base no estudo realizado por Machackova e Pfetsch (2016), estes chegaram à conclusão de que os adolescentes, enquanto espectadores de bullying, acreditam que é apropriado reagir com agressão verbal para defender a vítima de forma assertiva perante o agressor, concluindo dessa forma, que até os indivíduos que apresentam um maior nível de empatia cognitiva podem avaliar de forma inadequada a gravidade da situação, fazendo com que se observe uma diminuição imediata da afetividade e de respostas de suporte (Machackova & Pfetsch, 2016). Os pesquisadores determinam que estas pressões sociais podem contribuir para o aumento do envolvimento no bullying, sendo que esse tipo de comportamentos foram associados a níveis mais baixos de empatia cognitiva ao longo do estudo, complementando-se mais uma vez com estudos anteriores. Os mesmos apelam para a necessidade e a eficácia de intervenções preventivas (Williford, et al., 2016).

Após a confirmação da importância da empatia na prevenção do bullying e que de facto existe relação entre as variáveis, é necessário reconhecer quais as intervenções que devem ser aplicadas sobretudo em contexto escolar, de forma a promover a empatia nos alunos e a combater o bullying e a violência. Através dos estudos analisados apurou-se para a necessidade de professores e profissionais de saúde mental enfatizarem a promoção da educação emocional de crianças e adolescentes, uma vez que estes têm a oportunidade de desenvolver a sua empatia afetiva e as suas habilidades emocionais (Stavrinides, Georgiou & Theofanous, 2010). Alguns pesquisadores, apelam que para lutar contra o bullying, devem existir programas de prevenção e intervenção anti-bullying aplicados em sala de aula, que procurem enfatizar não apenas no desenvolvimento da empatia cognitiva, mas também no aumento da consciência dos agressores sobre as suas transgressões e julgamentos morais, uma vez que em intervenções realizadas demonstraram efeitos e mudanças de comportamento significativamente positivos (Kokkinos & Kipritsi, 2017; Ryzin & Roseth, 2019).

Os pesquisadores Ryzin e Roseth (2019), como mencionado anteriormente, chegaram á conclusão de que os efeitos da aprendizagem cooperativa na empatia cognitiva e afetiva são mediados pelo aumento do relacionamento com os pares. Esses resultados sugerem que a natureza social da aprendizagem cooperativa, ênfase no trabalho em grupo e na colaboração, podem melhorar as relações interpessoais dos alunos. Essas relações melhoradas e a construção concomitante de habilidades experienciais em grupos de aprendizagem vão contribuir para uma compreensão mais profunda dos estados emocionais de outros (Ryzin & Roseth, 2019).

Com base no estudo de Schultze-Krumbholz, Inttel e Scheithauer (2020), o contato intergrupal e a

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

educação multicultural são importantes intervenções que favorecem a promoção da empatia cognitiva e afetiva. As intervenções podem partir dos esforços do professor, tendo estes sucesso no fomento das competências sociais (Schultze-Krumbholz, Inttel e Scheithauer, 2020). É possível também acrescentar intervenções que promovam a aquisição de habilidades de empatia ativa, consistentes com muitas práticas atuais, como por exemplo, programas de aprendizagem emocional, como o *Second Step* (Williford, et al., 2016).

No que diz respeito ao cyberbullying, destacou-se que programas como o Cyberprogram 2.0, ajudam na prevenção e redução do bullying e do cyberbullying. Os pesquisadores destacam que a melhor maneira de prevenir a violência é promover a convivência harmoniosa (Garaigordobil & Martínez-Valderrey, 2015).

Em suma, tendo em consideração que as situações de bullying ocorrem com maior incidência no contexto escolar, é importante que sejam planeadas estratégias nas escolas tendo em vista a promoção da empatia como forma de ajudar a prevenir este tipo de situações.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Tabela 1 - Artigos selecionados para a Revisão da Literatura

Autor(es)/ ano/ país	Participantes	Intervenções	Resultados	Desenho de estudo
Machackova & Pfetsch (2016) Alemanha	321 alunos alemães, entre os 12 e os 18 anos, sendo que 10% destes alunos não nasceram na Alemanha, 86% têm um computador no quarto e 96% têm acesso à internet.	Para avaliar o papel que as crenças normativas e a empatia afetiva e cognitiva têm nos espectadores do bullying e cyberbullying foram aplicados um questionário, a Escala adaptada de Steffgen, Happ and Pfetsch, a Escala de Empatia Básica e a Escala Alemã de Krahé and MÕller.	O efeito das crenças normativas e a empatia diferem de acordo com o tipo de comportamento (se é de apoio ou reforçador) e se é o bullying ou cyberbullying. Logo, embora possa ter reagido de forma correta em certas situações de bullying/cyberbullying que os mesmos foram espectadores, estes podem reagir de maneira diferente/errada em outras situações que os mesmos observam. Observou-se que os espetadores acreditam que é apropriado reagir com agressão verbal para defenderem a vítima de forma assertiva perante o agressor. Assim, concluiu-se que até os indivíduos que apresentam um maior nível de empatia cognitiva podem avaliar de forma inadequada a gravidade da situação, fazendo com que se observe uma diminuição imediata da afetividade e de respostas de suporte. Além disso, enquanto a empatia afetiva previu respostas de apoio em ambos os tipos de incidentes, a empatia cognitiva foi associada apenas com respostas de apoio ao bullying offline.	Estudo Exploratório Transversal
Garaigordobil & Martínez- Valderrey (2015) Espanha	176 adolescentes, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos, que frequentam o 3º ciclo - 4 Grupos de Controlo (83 indivíduos) - 5 Grupos Experimentais (93 indivíduos)	Para avaliar os efeitos que o Cyberprogram 2.0 (programa de intervenção para prevenir e reduzir o cyberbullying) teve no bullying, no cyberbullying e na empatia foram aplicados o Cyberbullying: Triagem de Assédio em Pares e o Índice de Empatia por Crianças e Adolescentes.	O Cyberprogram 2.0 obteve resultados muito positivos pois, houve uma diminuição do número de comportamentos agressivos, da vitimização do bullying, da prática de bullying e de cyberbullying. Com isto, observou-se também um aumento significativo da empatia nestes adolescentes, apoiando outros estudos que afirmam que há um aumento da empatia quando há uma prevenção da violência. O estudo fornece evidências da eficácia do Cyberprogram 2.0 para prevenir e reduzir o bullying e o cyberbullying.	Estudo Experimental

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Williford, Boulton, Bank, Bender, Dieterich & Jenson (2016) Estados Unidos da América	431 alunos (52% mulheres e 52% latinos) entre os 10 e os 18 anos de idade	Os dados foram recolhidos por meio da administração de medidas de autorrelato em cada momento. A empatia cognitiva foi medida através de 5 itens da tomada de perspetiva dimensão do Índice de Reatividade Interpessoal. A frequência do bullying foi medida usando o Questionário Olweus Bully / Victim Revisto. A vitimização foi medida com um conjunto semelhante de 6 itens, mas adaptado para avaliar se o aluno foi vítima de cada comportamento.	A empatia diminuiu de uma forma aproximadamente linear, como se reflete em ambas as pontuações ao longo do tempo. Da mesma forma, os níveis de vitimização diminuíram no grupo de controlo ao longo do estudo, também de uma forma aproximadamente linear. Os níveis de bullying inicialmente diminuíram e depois aumentaram no sexto ano, próximos dos níveis originais. Os índices de enviesamento e de curtose sugerem que o bullying e, em muito menor medida, a vitimização, foram positivamente enviesados e leptocurticos. A empatia, por outro lado, era ligeiramente negativamente enviesada, mas de outra forma aproximada da normalidade. O bullying e a vitimização foram associados a níveis menores de empatia cognitiva.	Estudo Exploratório Longitudinal

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Jolliffe & Farrington (2006) Reino Unido	376 homens e 344 mulheres com cerca de 15 anos em Hertfordshire	Foram administrados questionários anónimos de auto-relato em salas de aula por um investigador experiente. A empatia foi medida utilizando a Escala de Empatia Básica (BES). Para medir o bullying foi utilizado um Questionário de Bullying baseado no estudo de Whitney and Smith (1993).	A baixa empatia afetiva foi significativamente relacionada a bullying para mulheres, mas não para homens. No entanto, tanto para homens quanto para mulheres, a baixa empatia afetiva foi relacionada a frequente vs. bullying ocasional. A baixa empatia total foi relacionada ao bullying violento por homens e ao bullying indireto por mulheres. A empatia cognitiva não foi significativamente relacionada a qualquer tipo de bullying por homens ou mulheres.	Estudo Exploratório Transversal
	38 alunos de todas as escolas primárias no centro de Trabzon Grupo de controlo: A (9 alunos;) D (10 alunos) Grupo experimental: B (9 alunos); C (10 alunos);	Foi administrada a Escala de Identificação de Bullying/ Formulário Infantil desenvolvida por Piskin e Avas (2007). Foi depois avaliado o Índice de Empatia para crianças através de uma escala desenvolvida por Bryant (1982). Foram ainda aplicadas técnicas usadas no treino de empatia. Foi utilizada também ANOVA de medidas repetidas para analisar o tempo e os efeitos da intervenção sob as crianças em investigação.	A análise multivariada produziu um efeito de interação significativo. O grupo de intervenção tornou-se significativo na diminuição de comportamentos de bullying como resultado do treino de empatia. No grupo de intervenção em comparação com o grupo de controlo, este demonstrou-se ser mais empático na pós- intervenção e no acompanhamento. A empatia do programa de treino foi eficaz na redução de comportamentos de bullying do grupo experimental, enquanto que nenhuma mudança foi observada no grupo de controlo em quem o programa de treino não foi aplicado.	Estudo Experimental
Stavrinides, Georgiou & Theofanous (2010) Chipre	205 alunos do 6ºano (108 meninas e 97 meninos), com idades entre os 11 anos, selecionados aleatoriamente em escolas urbanas e rurais no Chipre.	Os dados foram recolhidos através de um desenho longitudinal de seis meses e dois momentos foram usados (Tempo 1 e Tempo 2), na qual os participantes completaram a subescala de bullying do Questionário Revisto de Bullying e Vitimização (BVQ-R) e a Escala de Empatia Básica.	Os resultados deste estudo mostraram que o bullying no Tempo 1 previu negativamente o componente afetivo da empatia no Tempo 2. Além disso, a empatia das crianças no Tempo 1 previu negativamente o bullying no Tempo 2. Os resultados deste estudo indicam um modelo recíproco de compreensão da relação entre bullying e empatia. Demonstraram que existe uma relação negativa entre a capacidade de uma criança estar em contacto com o que a outra pessoa sente e a tendência dessa criança se envolver em intimidar outras pessoas, ou seja, compreender os sentimentos do outro não influencia a tendência da criança de se envolver em atos de bullying. Logo, a empatia cognitiva não possui qualquer previsão direta significativa sobre o bullying sendo esta mais enfraquecida em comparação com a empatia afetiva.	Estudo Exploratório Longitudinal

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Kokkinos & Kipritsi (2017) Grécia	301 adolescentes (138 meninos e 160 meninas) do 5º ano (n= 155) e 6º ano (n=145) com idades entre os 10-12 anos	Os dados foram recolhidos através da Subescala de Comportamento de Bullying de 42 itens da escala de Bullying e Vitimização, utilizada para avaliar o bullying. Para avaliar o desengajamento moral foi utilizada a Escala de Desengajamento Moral constituída por 14 itens e a Escala de Empatia Básica de 20 itens.	Os resultados indicaram que ambas as dimensões da empatia foram significativamente correlacionadas negativamente, enquanto o desengajamento moral foi positivamente correlacionada com as formas de bullying. Dois modelos de mediação foram testados separadamente para cada género. A análise de mediação indicou que os meninos com baixa empatia afetiva, mas não cognitiva, eram mais propensos a demonstrar um comportamento moralmente desengajado que, por sua vez, aumentou o envolvimento auto-relatado de bullying. Além disso, os meninos com alto desengajamento moral eram mais propensos a relatar empatia cognitiva e afetiva, o que resultou em maior bullying relacional direto e indireto. No caso das meninas, a baixa empatia afetiva e cognitiva evocou um comportamento altamente desengajado moralmente, que desencadeou um maior envolvimento em várias formas de bullying. Finalmente, a empatia cognitiva e afetiva mediou parcialmente a ligação entre o desengajamento moral e todas as formas de bullying para meninas.	Estudo Exploratório Transversal
Ryzin & Roseth (2019) Estados Unidos da América	1.890 alunos de 15 escolas de ensino médio (47,1% mulheres, 75,2% brancas)	Para avaliar a empatia dos alunos foi utilizado um subconjunto de itens da Escala de Empatia Básica, e o bullying foi avaliado através da subescala da Escala de Bullying da Universidade de Illinois. Foi realizado um treinamento para funcionários da escola de intervenção para promover uma maior confiabilidade adequada no estudo.	Os resultados indicaram que a aprendizagem cooperativa pode reduzir significativamente o bullying e que parte desse efeito é transmitido por meio de melhorias na empatia afetiva. A aprendizagem cooperativa também demonstrou efeitos positivos significativos na empatia cognitiva, mas isso não afetou o bullying. Também descobriram que os efeitos da aprendizagem cooperativa na empatia cognitiva e afetiva foram mediados por melhorias no relacionamento com os pares. Essas descobertas adicionam um certo grau de clareza à literatura e também representam a primeira vez, até onde sabemos, que um programa de antibullying demonstrou ter efeitos significativos na empatia cognitiva e afetiva.	Estudo Quase- Experimental

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Schultze-Krumbholz, Ittel & Scheithauer (2020) Alemanha	897 alunos do 7º ao 10º ano (51,3% meninas e 46,7% meninos) de 36 turmas de 5 escolas de uma grande cidade alemã.	O bullying e a vitimização no contexto offline foram medidos com as escalas de bullying e vitimização do European Cyberbullying Intervention Project Questionnaire (ECIPQ). A empatia cognitiva foi avaliada com a Subescala de Tomada de Perspectiva de 8 itens do Índice de Reatividade Interpessoal. O TSD percebido foi avaliado usando a subescala de apoio ao pluralismo cultural de 4 itens do Inventário do Clima Escolar - Aluno (ISC-S).	O efeito da perceção de TSD no bullying foi parcialmente indireto por meio da empatia afetiva. A vitimização não foi prevista pelas variáveis do estudo. O nível da classe não mostrou efeitos. O bullying e a vitimização são fenómenos complexos, que parecem estar mais ligados a características individuais do que de classe. O resultado de que a maior perceção de TSD estava ligada à empatia e o bullying fornece um ponto de partida promissor para medidas de aumento de competências e prevenção do bullying. A diversidade cultural e a DST estão negativamente associadas ao bullying e à vitimização por estarem positivamente ligadas à empatia, que tem se mostrado um fator protetor contra o bullying e a vitimização. Os estudos demonstram que o contato intergrupal e a educação multicultural promovem a empatia cognitiva e afetiva.	Estudo Exploratório Transversal

Considerações Finais

A empatia, tal como foi consolidado ao longo desta revisão sistemática da literatura, tem um efeito benéfico sobre o bullying, sendo que, independentemente de ser afetiva ou cognitiva, esta associa-se negativamente à variável, constituindo uma barreira para futuros comportamentos. A empatia inibe a agressão e os comportamentos violentos, promovendo comportamentos pró-sociais e altruístas, uma vez que reforça as crianças e os adolescentes a se comportarem de uma forma que não seja prejudicial para com os outros.

Como tal, torna-se imprescindível que as escolas apoiem medidas que reconheçam a sua relevância na prevenção contra o bullying, promovendo dessa forma a convivência harmoniosa entre os alunos. Com base no que foi descrito pelos autores, a utilização de programas de prevenção, intervenção anti-bullying aplicados em sala de aula, aprendizagem cooperativa, contato intergrupal e educação multicultural, são considerados pelos mesmos, intervenções importantes para promover a empatia e consequentemente evitar situações de bullying.

Sugere-se, portanto, um maior investimento na investigação com o intuito de aclarar a importância da empatia e o papel fundamental que esta desempenha na prevenção do bullying, procurando mais e eficazes intervenções que previnam este tipo de comportamentos e levem as crianças e os adolescentes a perceber os efeitos emocionais dos seus comportamentos nas vítimas de bullying, promovendo a assertividade, cooperação e tolerância entre pares. Para além de promover este tipo de comportamento empático é importante que este seja adquirido e mantido pelos sujeitos ao longo do seu ciclo vital.

Em síntese, podemos concluir que de facto, existe uma relação entre ambas as variáveis, e que promover a empatia ajuda no combate e na prevenção de situações de violência e nomeadamente, situações de bullying entre as crianças e os adolescentes.

REFERÊNCIAS

Collins, K., Gratton, C., Heneage, C. & Dagnan, D. (2017). *Employed Carers' Empathy Towards People with Intellectual Disabilities: The Development of a New Measure and Some Initial Theory.* Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities, 30, pp. 133–146

Garaigordobil, M. & Martínez-Valderrey, V. (2015). *Effects of Cyberprogram 2.0 on "face-to face" bullying, cyberbullying, and empathy*. Psicothema, 27(1), pp. 45-51

Jolliffe, D. & Farrington, D. P. (2006). *Examining the Relationship Between Low Empathy and Bullying.* Ag-

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

gressive Behavior, 32, pp. 540-550

Kokkinos, C. M. & Kipritsi, E. (2017) *Bullying, moral disengagement and empathy: exploring the links among early adolescents*. Educational Psychology, 38(4), pp.535-552

Lee, J., Lee, Y. & Kim, M. H. (2018). *Effects of Empathy-based Learning in Elementary Social Studies.* Asia--Pacific Edu Res, 27(6), pp. 509–521

Machackova, H. & Pfetsch, J. (2016). *Bystanders' responses to offline bullying and cyberbullying: The role of empathy and normative beliefs about aggression*. Scandinavian Journal of Psychology, 57, pp. 169–176

Pfetsch, J. S. (2017). *Empathic Skills and Cyberbullying: Relationship of Different Measures of Empathy to Cyberbullying in Comparison to Offline Bullying Among Young Adults*. The Journal of Genetic Psychology, 178(1), pp. 58-72

Ryzin, M. J. V. & Roseth C. J. (2019). *Effects of cooperative learning on peer relations, empathy, and bullying in middle school.* Aggressive Behavior. 45, pp. 643–651

Şahin, M. (2012). *An investigation into the efficiency of empathy training program on preventing bullying in primary schools*. Children and Youth Services Review, 34, pp. 1325– 1330

Santos, C. M. C., Pimenta, C. A. M. & Nobre, M. R. C. (2007). *A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências.* Revista Latino-americana Enfermagem, 15(3)

Schultze-Krumbholz, A., Ittel, A. & Scheithauer, H. (2020). *The association between in-class cultural diversity with empathy and bullying in adolescence: A multilevel mediation analysis.* International Journal of Psychology,55(5), pp. 769–778

Stavrinides, P., Georgiou, S. & Theofanous, V. (2010) *Bullying and empathy: a short-term longitudinal investigation.* Educational Psychology, 30 (7), pp. 793-802

Williford, A., Boulton, A. J., Forrest-Bank, S. S., Bender, K. A., Dieterich, W. A. & Jenson, J. M. (2016). *The Effect of Bullying and Victimization on Cognitive Empathy Development During the Transition to Middle School*. Child Youth Care Forum, 45, pp. 525–541

You, S., Lee, J., Lee, Y. & Kim, E. K. (2020). *The effects of middle school art class with an Empathy-based learning model.* Current Psychology, 39, pp. 1819–1829

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.